

Na Viação, Defesa, Interior e nas Finanças

Murilo Melo Filho

Integravam-no o jornalista e secretário do Ateneu, João Batista Galvão, que ficou com a pasta da Viação e a Presidência; o sargento e músico de 1ª Classe do 21º BC, Quintino de Barros, com a pasta da Defesa; o ex-diretor da Casa de Detenção, Lauro Cortez Lago, com a do Interior; o ex-tesoureiro dos Correios e Telégrafos, José Macedo, com a das Finanças, e o sapateiro Praxedes de Andrade, com a do Abastecimento.

No tumulto e na confusão daqueles dias, muitas injustiças e violências foram praticadas contra cidadãos comuns, apanhados em suas residências e submetidos a vexames e confiscos: abastados e circunspectos comerciantes eram aterrorizados com boatos de que, em homenagem à revolução, desfilariam, nus, pela cidade.

O otimismo dos revolucionários iria arrefecer logo em seguida por causa do açodamento com que agiram, provocando levantes precipitados tanto no Recife como na Praia Vermelha e Escola de Aviação, Rio, onde foram sufocados pelas tropas do General Eurico Dutra e pela resistência do então Coronel Eduardo Gomes.

Em Natal, o delegado Enoch Garcia conseguiu mandar um aviso para Caicó: o comerciante, futuro governador e senador Dinarte Mariz chefiou uma coluna de 150 homens, armados com fuzis e munição guardados da revolução constitucionalista de 32 e que se haviam concentrado em Serra Talhada.

Marcharam a seguir no rumo de Natal, passando por Panelas e Macaíba, já com o reforço de balas e homens recrutados na Polícia Militar da Paraíba. Enquanto isto, desesperados, os rebeldes saqueavam armazéns em busca de alimentos e confiscavam carros particulares para transporte das suas tropas.

Recordo-me perfeitamente de uma cena que ficou gravada para sempre na minha memória. Estava sentado na calçada com duas outras crianças vizinhas quando um caminhão parou diante de nós, levando uns dez homens maltrapilhos, lenço vermelho no pescoço, portando (mal) metralhadoras, facões, revólveres e chamando-nos:

- Vamos, meninos, nossa bandeira precisa de vocês.

Já nos estertores, a 27 de novembro, os amotinados conseguiram ainda botar na rua, impressa nas oficinas do diário católico A Ordem, a única edição do jornal A Liberdade, uma das poucas relíquias da revolução, que trazia na primeira página um editorial em letras garrafais, saudando a "era da liberdade, sonhada por tantos mártires, centrada e corporificada na figura legendária - onipresente no amor e na confiança dos humildes - de Luís Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança".

E como tivesse faltado matéria para fechar aquela edição do jornal, os editores rebeldes recorreram a um anúncio comercial cujo clichê já estava pronto e foi encontrado nas oficinas. Assim, a propaganda do Sal de Frutas Eno ficou

sendo a única publicidade daquele produto divulgada até hoje num jornal comunista do Brasil.

A vitória, anunciada pela A Liberdade, transformar-se-ia, poucas horas depois, numa capitulação e numa fuga.

A bordo do vapor Manaus, que os conduzia presos para o Rio de Janeiro, o romancista Graciliano Ramos conheceu Lauro Lago e José Macedo, aos quais se referiu posteriormente:

- Eram duas figuras importantes, um, secretário do Interior, o outro, secretário da Fazenda, no governo revolucionário de Natal, que não era propriamente um governo, mas sim e apenas uma doidice.

João Batista Galvão, o chefe revoltoso, confessaria anos após que nunca havia lido Marx e jamais fora comunista, tendo trocado mais adiante o PC pela profissão de advogado:

- Em 1935, eu era um rapaz que gostava de música, bailes e serenatas. Em novembro, estava com minha mãe, quando fui informado do início do movimento. Nem troquei de roupa. Juntei-me às tropas e com elas fiquei até o último momento. E chefei o Comitê Revolucionário.

Em Natal, o primeiro e único governo comunista

As visões seguintes, na retina da infância, foram as da revolução comunista em Natal, que estourou a 23 de novembro de 1935, chegando a instalar ali, durante quatro dias, o primeiro comunista em toda a América Latina, até hoje.

No final da tarde daquele sábado, o então governador Rafael Fernandes estava no Teatro Carlos Gomes, hoje Alberto Maranhão, presidindo a festa da diplomação de uma turma de Contabilidade do Colégio Marista, quando sargentos, apoiados em cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores, sublevaram-se e ocuparam vários pontos estratégicos em Natal.

O governador e o secretário-geral do Estado, Aldo Fernandes, abrigaram-se, primeiro, na residência de Xavier Miranda, perto do teatro, e logo depois passaram para o consulado da Itália, ficando sob a proteção diplomática do Cônsul Guilherme Lettieri.

O major Luís Júlio, que era o comandante da Polícia Militar, e o tenente José Bezerra, ajudante-de-ordens do governador, foram bater em nossa casa, distante 400 metros do teatro. Meu pai os escondeu numa casa desocupada, próxima, no mesmo quarteirão da então Rua das Virgens.

E eu, durante os quatro dias de domínio da revolução comunista na cidade, exerci uma função que depois se chamou popularmente de contra-

revolucionária: era o encarregado de levar-lhes a comida, numa marmita.

Como castigo e represália por esse asilo, um vizinho da frente, ligado aos comunistas, denunciou-nos ao comando da revolução. No dia seguinte, o carro do meu pai, um Ford-28, de bigode, era levado pelos revolucionários e só reapareceria quatro dias depois na cidade da Penha, hoje Canguaretama, todo arrebitado, quando a revolução já terminara. A mesma sorte teve um reluzente e moderno Pontiac, pertencente a João Galvão Filho, que era de longe o mais belo e invejado carro da época.

A resistência foi imediatamente organizada pela PM e pelo coronel Pinto Soares, do 21º BC, que enfrentaram durante 10 horas, sob cerrado tiroteio, tropas numericamente superiores e só se renderam quando acabou a munição.

Logo depois, eram cortadas as comunicações telegráficas, à exceção da estação de telégrafo de Macaíba, através da qual os legalistas conseguiram transmitir dramáticos apelos de socorro ao Rio de Janeiro.

Aos meus olhos de menino, e até de adultos, algumas cenas pareciam saídas do fundo da terra, como eu assistiria depois na dramaturgia de Bertolt Brecht, com sua Selva das Cidades. A população natalense, apanhada inteiramente de surpresa, estava aterrorizada com o espocar de tantos tiros, que se cruzavam em todas as direções. Muitos habitantes da cidade atravessaram as águas do rio Potengi, em toscos barcos, refugiando-se na praia da Redinha.

Havia uma total desinformação sobre o que estava acontecendo. Boatos terroristas tinham livre curso. Pairava sobre todos a ameaça de um colapso no abastecimento de gêneros. Os barris de gasolina eram sumariamente confiscados pelos insurretos. Os cofres dos bancos e das casas bancárias foram arrombados e pilhados, sendo o dos Correios a maçarico.

Enquanto dominaram Natal, os rebeldes organizaram um Comitê Popular Revolucionário, que durou 80 horas. Instalaram-se na Vila Cincinato, residência oficial do governador, e emitiram um único decreto, que cassava o mandato de Rafael Fernandes e dissolvia a Assembléia Estadual Constituinte.

Esse Comitê era constituído por homens despreparados, cuja tarefa mais urgente e importante foi a de explicar aos próprios soldados e cabos sublevados os motivos e objetivos do inesperado movimento.



www.dhnet.org.br